

## **POR UMA LEITURA SEM CERCAS: O MÉTODO RECEPCIONAL NO TRABALHO COM A OBRA “O MENINO DO PIJAMA LISTRADO”**

BRUNA MARIA SEVERINO BICUDO (ESAP).

### **Resumo**

Este trabalho objetiva apresentar um estudo de caso, envolvendo a aplicação do método recepcional de ensino da literatura (BORDINI; AGUIAR, 1993), numa sala do Ensino Fundamental II (6ª série), pertencente a um colégio particular do município de Itapeva, SP. Embora a literatura não integre o currículo de disciplinas da segunda etapa da educação básica, na realidade supracitada é disciplina integrante das aulas de Língua Portuguesa, porém apresenta especificidades se comparada ao seu ensino no nível Médio: não há obras pré-definidas, nem o estudo histórico dos períodos literários, além disso, o leitor tem seu ponto de vista respeitado e as obras a serem trabalhadas pela turma, durante os bimestres, são escolhidas através dos interesses discentes. Após o levantamento das expectativas, obtido por meio de análise de fichas da biblioteca, das leituras espontâneas realizadas nos momentos de roda de leitura e comentários sobre obras em situações informais, percebeu-se que os alunos gostariam de ler enredos de aventura, com uma pitada de romantismo e textos relacionados a algum fato marcante da História da Humanidade, assim sendo, elegeu-se o livro “O menino do pijama listrado” (2007), de John Boyne, como obra de abertura do ciclo literário do 1º Bimestre deste ano de 2009. Por abordar um tema sócio-histórico (a Alemanha nos tempos de Hitler), a leitura do livro pragmatizou-se através de atividades interdisciplinares (História), projeção de filmes com enredos condizentes, leitura de textos de apoio sobre as barbáries cometidas durante o período representado pela obra, análise comparativa com textos de maior realização artística e práticas de interação social entre o livro e o leitor, a fim de que a leitura atingisse sua práxis, revelando aos discentes seus papéis de sujeitos históricos, ativos na construção de seus próprios conhecimentos.

### **Palavras-chave:**

método recepcional, o menino do pijama listrado, literatura juvenil.

Este artigo visa descrever um trabalho de letramento literário alicerçado na Estética da Recepção, proposta por Jauss e organizada sob a metodologia sugerida por Bordini e Aguiar, o método Recepcional (1993).

Antes de iniciarmos a descrição do método utilizado, imperativo se torna elucidar que nosso trabalho foi desenvolvido numa sala do Ensino Fundamental II (6ª série), pertencente a um colégio particular do município de Itapeva, SP. Embora a literatura não integre o currículo das disciplinas dessa segunda etapa da educação básica, na realidade em questão é disciplina integrante das aulas de língua portuguesa, porém, apresenta especificidades se comparada ao seu ensino no nível Médio: não há obras pré-definidas, nem o estudo histórico dos períodos literários, além disso, a cada bimestre os alunos precisam adquirir uma obra literária (definida pelo professor de língua portuguesa) para ser trabalhada em sala de aula.

Interessante se faz mencionar que a instituição escolar na qual nosso trabalho foi desenvolvido, apresenta-se como um esplêndido espaço de livros e leitores, pois propicia a seus integrantes variadas formas de encontro com a leitura, não só por possuir uma ampla e interativa biblioteca, com profissionais capacitados para o exercício de

suas funções, mas também, por destinar dez minutos de sua carga horária diária à prática da leitura. Esse projeto chama-se *Leitura 10* – durante dez minutos de todas as manhãs, a instituição pára (funcionários e alunos) no intuito de se dedicar exclusivamente a uma leitura.

Roborando o assunto, registre-se ainda que a biblioteca da instituição citada acima possui um estoque variado de livros, coleções de revistas e jornais e um laboratório de informática, o qual visa auxiliar os alunos nas pesquisas *on line* e na digitação de trabalhos propostos pelo docentes. A existência de tal espaço ilustra a afirmação de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (Bordini; Aguiar, 1993, 10):

O acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona, assim, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo que gera vínculos entre o leitor e os outros homens. A socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, também através da leitura, quando ele se defronta com produções significantes provenientes de outros indivíduos, por meio do código comum da linguagem escrita. No diálogo que então se estabelece o sujeito obriga-se a descobrir sentidos e tomar posições, o que o abre para o outro.

Foi na busca por uma metodologia de letramento literário que favorecesse a interação em sala de aula, que oportunizasse discussões acerca do texto lido, sem exigir memorizações periodizadas, na qual o professor fosse um mediador dos encontros dos alunos com a obra literária; que entramos em contato com o Método Receptional e, ao estudarmos, percebemos que esse seria o método adequado aos nossos propósitos, afinal, como Terry Eagleton afirma (Eagleton, 2003: X) “sem alguma forma de teoria, por menos consciente e implícita que seja, não saberíamos, em primeiro lugar, como definir uma obra literária, ou como deveríamos lê-la”.

Seguindo os pressupostos teóricos de Gadamer, Hans Robert Jauss iniciou nos anos de 1960 os estudos da leitura com estudiosos da escola de Constança (Alemanha) e desenvolveu a Estética da Recepção, cujo centro é leitor do texto literário e a leitura é vista como um fenômeno social alicerçado na interação leitor + obra, voltado, portanto à formação humana do discente através da aquisição da cultura do conhecimento, sem o abandono do prazer estético como um dos pilares de desenvolvimento da sensibilidade no indivíduo. É oportuno salientar que tal estética centra-se, assim, na atuação do leitor frente ao texto – na relação dialógica instaurada desde o momento em que o espectador recebe a obra, tornando, deste modo, a análise permeada pela vivacidade, fundada no comportamento ativo do aluno.

Seguindo a organização proposta por Bordini e Aguiar, o método Receptional apresenta cinco etapas a serem desenvolvidas durante sua pragmatização:

1-) Determinação do horizonte de expectativas – momento em que o professor verificará os interesses dos alunos, a fim de prever estratégias de ruptura e transformação do mesmo;

2-) atendimento ao horizonte de expectativas – etapa que se proporcionarão à classe experiências com textos literários que satisfaçam suas necessidades quanto ao objeto escolhido e às estratégias de ensino;

3-) ruptura do horizonte de expectativas – momento que serão introduzidos textos e atividades de leitura que abalem as certezas e costumes dos alunos, seja em termos de literatura ou de vivência cultural;

4-) questionamento do horizonte de expectativas – fase em que serão comparados os dois momentos anteriores, verificando que conhecimentos escolares ou vivências pessoais, em qualquer nível, proporcionaram aos alunos facilidade de entendimento do texto e/ou abriram-lhes caminhos para atacar os problemas encontrados;

5-) ampliação do horizonte de expectativas – última etapa, em que os alunos tomarão consciência das alterações e aquisições obtidas através da experiência com a literatura. Conscientes de suas novas possibilidades de manejo com a literatura partem para a busca de novos textos, que atendam a suas expectativas ampliadas no tocante a temas e composição mais complexos.

É de extrema importância atentar-se para o fato de o final dessa etapa ser o início de um novo ciclo do método, cuja evolução se dá em espiral, no intuito de proporcionar aos discentes reflexões que os tornem mais conscientes em relação não só ao seu letramento literário, mas também ao seu papel de cidadão na sociedade da qual faz parte.

Em síntese nosso trabalho visa contribuir com a criação de possibilidades metodológicas para a formação de leitores no Ensino Fundamental II. A obra escolhida como alicerce de nossa aplicação do método Recepcional é um texto plurissignificativo, cujos personagens e contextos provocam a imaginação e a sensibilidade; ao conduzir seus leitores à reflexão de seus temas, podem torná-los proficientes à leitura mundana: *O menino do pijama listrado*, de John Boyne (2007).

### Rompendo as cercas

Aprendemos a ver literatura do mesmo modo como aprendemos tudo mais, isto é, ninguém nasce sabendo ler literatura. Esse aprendizado pode ser bem ou malsucedido, dependendo da maneira como foi efetivado, mas não deixará de trazer consequências para a formação do leitor.

(Rildo Cosson)

A fim de iniciar a prática, para determinar o horizonte de expectativas foram coletados, durante os primeiros dias de aula, vários relatos informais dos alunos sobre quais seriam os assuntos que mais chamavam a atenção dos discentes. Após o registro das opiniões proferidas e dos nomes das obras já lidas em outros períodos, solicitamos à bibliotecária o empréstimo de algumas revistas, pertencentes a diversas editoras e indicadas aos mais variados leitores. Com as publicações sobre uma mesa na sala de aula, os alunos da 6ª série teriam que escolher uma delas apenas pela capa (sem folhear) e depois, por meio de uma leitura rápida, deveriam separar uma notícia, reportagem ou qualquer outro texto integrante da revista. Em princípio, nossa ideia era que essa atividade gerasse um

seminário, no qual cada estudante apresentaria o texto escolhido aos colegas, mas foi grande a surpresa quando percebemos que uma das revistas estava sendo disputada sob gritos de *Eu vi primeiro; Deixa eu ler, eu leio rapidinho; Dá aqui! Vou falar pra professora!*

O causador de toda essa balbúrdia era um exemplar da revista Super Interessante (ed. 225. Abril de 2006), cuja capa anunciava a reportagem principal: *Doutores da Agonia – as torturas praticadas contra seres humanos por médicos do período nazista*. Vários comentários ocorreram inclusive proferidos por alunos que já tinham lido obras como *O diário de Anne Frank*, esses alunos logo se tornaram o centro das atenções em sala e, apesar de toda a inquietação discente, foi possível ouvir um pedido de leitura: *Professora ia ser legal se a gente lesse alguma coisa que falasse sobre o nazismo*.

De forma não proposital, os alunos nortearam nossos estudos, levando-nos a escolher como tema da leitura bimestral um fato histórico que ao ser estudado de forma literária, levaria os alunos a reflexões sobre um passado ainda não comentado nas aulas de história, o qual possui especificidades capazes de sensibilizar seres humanos desde a mais tenra idade.

Mas como estudar um tema tão violento, digno de repulsa e que muitas vezes, chega a nos fazer duvidar de sua existência real, tamanhas barbaridades cometidas por seres de uma espécie? Neste momento foi de grande valia a sugestão da coordenadora de nosso ciclo de ensino, a qual indicou a obra *O menino do pijama listrado*, definida como *best seller* por diversas publicações especializadas, cujo enredo encontra-se no ápice do regime nazista na Alemanha dos anos 1940. Bruno, um garoto de nove anos, pertencente a uma família rica, deixa a capital Berlim e parte para a cidade de Haja Vista com a família, devido a uma transferência do pai – o comandante de um dos exércitos do Fúria (Hitler). Devido à inocência e ingenuidade infantil, Bruno vive alheio aos acontecimentos à sua volta: nada sabia sobre a situação histórica de seu país, sobre os massacres à população judia (muitos deles, comandados pelo seu pai) e muito menos sobre os vizinhos de sua casa, seres que usavam pijamas listrados o dia todo e moravam em um lugar totalmente cercado.

O maior desejo do garoto Bruno era ser explorador e, numa dessas investidas aproximou-se das cercas da “fazenda” vizinha a sua casa (campo de concentração). Sentado do lado de dentro da cerca, estava Shmuel – um menino judeu, da mesma idade do protagonista de John Boyne. Desse primeiro encontro nasce uma grande amizade, sempre separada pelos arames farpados das cercas.

Ao longo do enredo, a amizade se fortalece e, por ela, Bruno rompe as fronteiras que o separam do amigo e entra no campo... As cenas seguintes são de uma sensibilidade estética perfeita. Mesmo os de pensamentos mais gélidos, conseguirão se emocionar, perturbar-se e maravilhar-se com o término da obra.

Após realizarmos a leitura desse livro, percebemos que muitas das atividades planejadas para o trabalho com texto literário, poderiam ser efetivadas proficientemente se baseadas em tal obra fossem baseadas, pois, esta embora apóie seu enredo em um período cruel, consagra a inocência do olhar de uma criança sobre as atrocidades, silenciando o sangue e as imagens violentas pertencentes a outros exemplares guiados

pelo mesmo tema, assim, O menino do pijama listrado concretizou-se como o texto adequado aos leitores da nossa realidade.

Com o horizonte de expectativas determinado e atendido pela entrega de um exemplar da obra escolhida para cada aluno da 6ª série, fizemos a apresentação deste através de uma roda de leitura, na qual foram postos em análise os aspectos estéticos da obra, tais como a textura da capa, das folhas e a formatação. Em seguida, realizamos a leitura do primeiro capítulo aos discentes, semeando o incentivo à continuação da leitura em ambientes extra-escolares.

Objetivando práticas a serem somadas ao atendimento do horizonte de expectativas, solicitamos aos alunos a escrita de um parágrafo sobre seus conhecimentos prévios acerca do nazismo e temas integrantes, como judeus, Hitler e campos de concentração. Notou-se, com a correção dessa escrita que os estudantes embora se interessarem pelo assunto proposto, possuíam poucos conhecimentos sobre os fatos históricos contextualizadores da obra eleita como leitura bimestral e a partir da identificação desse vácuo. Pareceu-nos inteligente convidar um profissional da área de história para proferir uma aula de desvendamento do período nazista através de perspectivas contextuais históricas.

Além de proporcionar aos discentes uma atividade não ligada à rotina da sala de aula, uma vez que o profissional convidado não fazia parte do time de professores do ensino fundamental daquela instituição escolar, preocupamo-nos também em aliar à formação literária a outros enfoques, não somente aos linguísticos, relacionados à disciplina de língua portuguesa. A interdisciplinaridade se fez presente e atuou como uma prática de auxílio aos projetos de letramento literário.

Nutridos pelo conhecimento proporcionado pela História, os alunos reescreveram seus parágrafos, adicionando informações pesquisadas de modo autônomo pelos seus autores, cuja pequena escrita transformou-se em textos descritivos coesos e coerentes. Ao decodificarem, discutirem e interpretarem o tem a textual, os alunos obtiveram repertório suficiente para preencherem as linhas brancas da folha do caderno.

Essa experiência dignifica o que afirma Antunes (2003: 45)

A atividade da escrita é, então, uma atividade interativa de expressão, de manifestação verbal das ideias, informações, intenções, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo, interagir com ele. Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do “não ter o que dizer”.

Promovendo a continuação do método Recepcional, tornou-se necessário romper o horizonte e para isso, foi proposta a leitura (em sala) de uma entrevista publicada no site do jornal *A Folha de São Paulo* (26/4/2007), na qual um sobrevivente de um dos campos de concentração construído pelos nazistas responde a perguntas a respeito do tempo vivido sob as atrocidades do período. De igual forma foi realizada a leitura na íntegra da reportagem publicada na *Super Interessante* - Doutores da Agonia, a qual iniciou nossa temática literária. Depois dessas leituras, os alunos mediados pelo professor, oralizaram sua opiniões sobre os textos lidos, muitas vezes se exaltando ao

fazerem referências aos atos brutais (torturas) cometidos contra seres tratados como lixo.

Ainda na esteira das leituras, discutimos os capítulos iniciais do livro *O menino do pijama listrado* (previamente lidos fora do ambiente escolar) e relacionamos tematicamente seus contextos aos fatos históricos estudados, inclusive desmitificando um de seus cenários: a cidade de Haja Vista para onde o personagem principal se muda após a transferência do pai é, possivelmente, o local onde foi instalado o mais cruel e aterrorizante campo de concentração - Aushwitz.

Em seguida, na fase de questionamento do horizonte de expectativas, foi proporcionada aos estudantes uma sessão cinema, com o filme *A queda! As últimas horas de Hitler* (Europa Filmes, 2004). Além do entretenimento e do apoio imagético, intencionamos indicar uma visão diferente daquelas estudadas previamente, principalmente às referentes à figura de Hitler, pois, esse personagem apresentado na película é mostrado apenas como um senhor decrépito, atormentado pelas próprias loucuras e à beira da morte. Durante todo o filme não é possível encontrar nem vestígios da figura imponente e repressora do líder nazista.

Em face dessa nova visão, os alunos confrontaram os conhecimentos adquiridos pelo estudo histórico, pelas leituras não só do livro de John Boyne, mas também dos textos extras à ficção que lhes foi passada. Devido à grande discussão provinda desse confronto entre fatos históricos e a liberdade da ficção, formamos um grupo de discussão cuja tarefa era traçar (escrever) um perfil para Hitler, a fim dos alunos demonstrarem suas visões sobre esse personagem contundente. Os resultados dessa tarefa foram condizentes ao caráter em questão, ou seja, os estudantes, assim como muitos manuais de história, não definiram Hitler como um monstro, ou como um príncipe incompreendido, mas sim, alternaram parágrafos ora defendendo, ora massacrando tal figura.

Vale lembrar que todas as atividades descritas foram realizadas com os alunos de livro em punho, com a leitura do texto ocorrendo em conjunto às demais práticas. Devido à extensão da obra, sua leitura foi realizada prioritariamente extraclasse: o professor e os alunos acertavam em grupo os prazos de finalização da leitura, ao término de cada encontro semanal.

Passadas sete semanas do início do trabalho, chegamos à última etapa da aplicação do método Recepcional – a ampliação do horizonte de expectativas. Nessa fase fez-se necessário a aplicação de mecanismos tradicionais de diagnóstico da aprendizagem. Na tentativa de tornar a avaliação menos prescritiva, dividimo-la em duas partes: a primeira foi composta por questões de verificação da leitura e outra, por perguntas que visavam edificar a compreensão da obra lida através da relação dialógica instituída pelas práticas realizadas nos encontros literários. Dessa forma, a avaliação não serviu como mera verificação da aprendizagem, mas como um meio pelo qual os alunos tomaram consciência das mudanças e aquisições de conhecimento proporcionadas pelo trabalho desenvolvido em sala.

Como atividade culminante do primeiro ciclo de leitura do ano letivo, reunimos os alunos em uma nova roda literária e iniciamos uma conversa sobre as atividades pragmatizadas sobre o livro *O menino do pijama listrado*, espoliando as opiniões e

comentários discentes. O desfecho dessa atividade deu-se com um questionamento docente: Após todas as práticas, todo o trabalho desenvolvido e frente aos novos conhecimentos adquiridos por suas participações, o quê ler agora?

As respostas foram registradas a fim de gerarem um novo ciclo de trabalho do método Receptional, cujo desenvolvimento contempla e escalona o manejo literário de forma espiral. O fechamento de um ciclo é o início de uma nova aplicação, cujo processo evolutivo permite aos alunos enxergar a função social da literatura, roborando uma postura crítica frente à sociedade polissistêmica, dignificando o trabalho docente.

#### Considerações finais

Segundo Silva (2002: 42):

A literatura pode ser tudo (ou pelo menos muito) ou pode ser nada, dependendo da forma como for colocada e trabalhada em sala de aula. Tudo se conseguir unir sensibilidade e conhecimento. Nada, se todas as suas promessas forem frustradas por pedagogias desencontradas.

Confiando no propósito da formação literária, este nosso trabalho visou à formação do leitor competente e para tanto, foi norteado por uma metodologia sistemática, cujos passos foram organizados a fim de tratarmos a leitura como um “concerto de muitas vozes, e não um monólogo”. (Cosson, 2006: 27)

Nesse sentido deve-se dizer que a formação do leitor não deve significar apenas a decodificação de palavras ou o consumo inconsciente de textos literários, mas sim, um processo dinâmico, permeado por inferências, compartilhamento de ideias, atribuições de sentido e desenvolvimento da habilidade de relacionar textos. Objetivando atender a todos esses requisitos, a escolha do método Receptional foi fator-chave na pragmatização de nosso trabalho.

A estética da recepção, ao concentrar-se no modo como os docentes recebem a obra, determinado e ampliando o horizonte de expectativas, enfatizando a comparação entre o que já é conhecido com o novo, apoiando-se no debate e exposição de opiniões, através da fala e/ou escrita, revelou-se como uma proposta de ensino literário extremamente clarificadora da função social exercida pelos estudantes. Estes, se envolvidos em processos de crescimento intelectual e cultural tornam-se aptos a atuarem como sujeitos da história.

A cada etapa realizada em nosso trabalho, percebemos que os alunos tornaram-se mais críticos e ágeis na exposição de seus pontos de vista, também se preocuparam com a leitura nas entrelinhas, deixando o superficialismo literário. Ademais, as práticas desenvolvidas possibilitaram um trabalho completo de Língua Portuguesa, pois não só englobaram atividades de escrita, leitura e oralidade, como também possibilitaram o contato discente com diversos gêneros textuais (entrevista retirada da internet, reportagem publicada em revista, pesquisas históricas etc.), estabelecendo assim, modos diferentes de leitura.

Bom é dizer que os docentes passaram a enxergar a obra literária escolhida como algo dinâmico, no qual não há espaço para um mundo hermético. Além disso, ao terem suas opiniões respeitadas, os alunos não mais aceitavam os escritos passivamente.

Seguindo as palavras de Cosson (2006: 120) podemos afirmar que nosso trabalho, baseado na metodologia proposta por Bordini e Aguiar, iniciou “a formação de um leitor cuja competência ultrapasse a mera decodificação dos textos, de um leitor que se apropria de forma autônoma das obras e do próprio processo da leitura, de um leitor, literário, enfim”

#### Referências

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BOYNE, John. *O menino do pijama listrado: uma fábula*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

JAUSS, Hans Robert. *História da literatura como provocação literária*. Lisboa: Veja, 1993.

ZILBERMAN, Regina (Org). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 11. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 85-106.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.